

**APROXIMAÇÕES AOS
MUNDOS JUVENIS.
DIÁLOGOS IBERO-AMERICANOS**

APROXIMAÇÕES AOS MUNDOS JUVENIS. DIÁLOGOS IBERO-AMERICANOS

Martha Lucía Gutiérrez Bonilla
e Vanessa Araújo Correia,
editoras acadêmicas



MAGIS
BRASIL



JESUÍTAS BRASIL





Pontificia Universidad
JAVERIANA
Bogotá

Facultad de Ciencias
Políticas y Relaciones
Internacionales

[VIGILADA MINECUCACION]

e
editorial
Pontificia Universidad
JAVERIANA



 **Faculdade Jesuíta**
de Filosofia e Teologia

MAGIS
BRASIL



JESUÍTAS BRASIL


REDE
BRASILEIRA DE
INSTITUTOS DE
Juventude

© Pontificia Universidad Javeriana
© Martha Lucía Gutiérrez Bonilla
y Vanessa Araújo Correia, editoras académicas
© Martha Lucía Gutiérrez Bonilla, Vanessa
Araújo Correia, Lia Pappámikail, Rosane Castilho,
Patrícia Espíndola de Lima Teixeira, Luiz Gustavo
Santos Tessaro, Marcelo Bonhemberger, Symaira
Poliana Nonato, Jorddana Rocha de Almeida,
Brescia França Nonato, Juarez Tarcísio Dayrell,
Juliana Batista dos Reis, Sandra Maria de Oliveira,
José Elias Domingos Costa Marques, Juan Raúl
Escobar, Andréa Marques Benetti, Luis Antonio
Groppo, Fabián Acosta Sánchez, Mateo Ortíz-
Hernández, Natalia Reyes-Fernández y Natalia
Betancourt Andrade, autores

Primera edición: julio de 2022
ISBN digital: 978-65-00-48125-9

Editorial Pontificia Universidad Javeriana
Cra 7.ª n.º 37 - 25, oficina 1301
Teléfono: 3208320 ext. 4752
www.javeriana.edu.co/editorial
Bogotá, D. C.

DISEÑO DE COLECCIÓN
Carolina Maya Gómez

DIAGRAMACIÓN Y MONTAJE
DE CUBIERTA
Carlos Arango Vieira

FOTOGRAFÍA DE CUBIERTA
Julián Naranjo

SERIE
Jóvenes con dis...cursos

Pontificia Universidad Javeriana, vigilada
Mineducación. Reconocimiento como
Universidad: Decreto 1297 del 30 de mayo
de 1964. Reconocimiento de personería
jurídica: Resolución 73 del 12 de
diciembre de 1933 del Ministerio de
Gobierno.

Prohibida la reproducción total o parcial de este material, sin autorización por escrito de la Pontificia Universidad Javeriana.

CONTENIDO

Apresentação	7
Martha Lucía Gutiérrez-Bonilla e Vanessa Araújo Correia	
Futuro incerto e transição para a vida adulta: as novas gerações diante do projeto de vida	13
Lia Pappámikail	
Juventudes, universidade e projeto de vida: expectativas quanto a carreira profissional	29
Rosane Castilho	
Promovendo a reflexão sobre saúde mental das juventudes nos espaços educativos: um relato de experiência com grupos de estudo multidisciplinar e intergeracional	39
Patrícia Espíndola de Lima Teixeira, Luiz Gustavo Santos Tessaro e Marcelo Bonhemberger	
Ver, ouvir, registrar e agir: potencialidades da pesquisa como princípio educativo no trabalho com as e os jovens	53
Symaira Poliana Nonato, Jorddana Rocha de Almeida, Brescia França Nonato, Juarez Tarcísio Dayrell e Juliana Batista dos Reis	
Juventude, cultura digital e educação: a interface entre políticas públicas de inclusão digital e condições de acesso	69
Sandra Maria de Oliveira e José Elias Domingos Costa Marques	

O que alguns jovens pensam sobre a participação e a educação? Juan Raúl Escobar	87
Mulheres, jovens, feministas: coletivos estudantis feministas no Sul de Minas Gerais e a formação política Andréa Marques Benetti e Luís Antonio Groppo	99
Promenades das pedagogias de paz em jovens Fabián Acosta Sánchez	117
Tecendo desde o cotidiano: Jovens e construção da paz na Colômbia Martha Lucía Gutiérrez Bonilla, Mateo Ortíz Hernández e Natalia Reyes Fernández	141
A rebeldia como forma de construção da paz imperfeita cotidiana dos jovens migrantes em Cúcuta, Norte de Santander Natalia Betancourt Andrade	169
Caminhos a percorrer na investigação na e para a juventude Martha Lucía Gutiérrez Bonilla y Vanessa Araújo Correia	187
Biografias	197

Apresentação

Escrever para falar sobre as e os jovens sempre comporta um risco reducionista difícil de esquivar, porque imediatamente surgem perguntas como: De quem se está falando? Quais são os traços que caracterizam esses sujeitos sociais? Em que espaço e temporalidade estão esses olhares localizados que permitam elucidar certas características de delimitação ou concreção de tais sujeitos ou de suas circunstâncias de vida e de devir juvenil?

Referimo-nos às e aos jovens, como aqueles sujeitos sociais, historicizados, diversos, heterogêneos e complexos que habitam cidades, zonas rurais, municípios e espaços geográficos e simbólicos, que se veem interpelados por sua presença, sua ação, sua forma de habitar e se apropriar. Referimo-nos a temas e espaços enriquecidos, limitados, criticados ou desenvolvidos pelas expectativas da sociedade em relação à juventude e pelas visões, realidades e expectativas das e dos jovens sobre suas próprias vidas.

Falamos de sujeitos sociais, sujeitos culturais, sujeitos políticos e sujeitos transcendentais que vêm reivindicando e construindo uma identidade diferenciada daquela marcada por adultos e pelas sociedades que prometem um rito de passagem para a vida adulta.

Enunciamos sujeitos homens e mulheres que significam a sociedade e sua existência de forma diferente, que se agrupam ou se deslocizam de acordo com interesses diversos, que lidam com o estigma de serem seres inacabados ou em processo para a vida adulta, seres inexperientes ou superficiais, ou seres perigosos ou em risco de acordo com o olhar social e político que se tenha construído delas e deles.

Falamos com cautela de sujeitos homens e mulheres diversos, sujeitos sociais que respondem a contextos injustos e precários, sujeitos políticos que exigem ação consistente e justa, diante dos vazios deixados pela democracia debilitada pelos populismos enraizados, pelo inadequado manejo do meio ambiente, a desigualdade de gênero, as gerações, etnias e classe. Jovens que se revelam ao confinamento político e hoje ao físico por causa de uma pandemia de proporções e magnitudes inimagináveis.

Referimo-nos a homens e mulheres de diferentes lugares do mundo que sentem um impulso de vida que os leva a agir como tal, o que os leva a buscar espaços de participação, de construção coletiva e de ação renovada e alternativa ao existente. Homens e mulheres de 14 a 30 anos, que se posicionam na Colômbia, Brasil e Portugal como atores reflexivos, atuantes e transformadores de sua realidade. Homens e mulheres convencidos de que a realidade não está dada, que pelo contrário está por se reconstruir a partir de sua força vital, social, coletiva e individual, em sociedades que viram e acolheram o nascimento de novas cidadanias que interpelam, expressam e configuram uma nova ordem social e buscam um espaço do público onde todas e todos podemos ser e contribuir.

Dois eventos marcaram a vida juvenil nos últimos anos, em 2019 a explosão social, liderada ou fortemente alimentada pelos jovens, onde o protesto e a demanda por justiça social foram centrais, a visibilidade coletiva juvenil protuberante e a ação de pressão muito críticas exercida sobre os países e seus governantes. A América Latina foi fortemente abalada pela força social

e coletiva das e dos jovens que levantaram bandeiras sociais urgentes, mas adiadas. É assim que hoje estamos testemunhando um processo de reforma da Constituição chilena como resultado da pressão social exercida de forma sistemática, dura e constante em 2019 e 2020, apesar das difíceis circunstâncias de salubridade. No resto dos países da América Latina, o caldo da desigualdade ferve e as demandas não cessam diante das respostas políticas e estatais adiadas. Também é necessário lembrar que um ano de intenso movimento social e político na América Latina foi enfraquecido ou contido pelo segundo evento a ser notado, a pandemia do COVID-19.

Este fato, a pandemia COVID-19, além de cruel e catastrófica para a saúde e a vida dos habitantes do mundo, revelou com mais dureza as iniquidades existentes e que foram veementemente apontadas pelos movimentos sociais: o desemprego ou o subemprego, a pobreza, as violências sociais e estruturais, a desigualdade de gênero e, em geral, o conjunto de desigualdades injustas e evitáveis que vivem nossos países com uma força especial de impacto negativo sobre as e os jovens. A Pandemia revelou a prioridade errônea das sociedades modernas sobre o mercado em detrimento da vida, dos ecossistemas, da saúde e dos serviços sociais, além do pouco interesse no bem-estar físico, mental e espiritual das sociedades como um todo. Esta Pandemia hoje está açoitando o mundo inteiro sem trégua, colocou um espelho cruel da vida e da morte para as sociedades e refletiu suas prioridades de investimento, intervenção e ação social.

Nesse cenário, as e os jovens sofreram forte impacto expresso em detrimento de seus vínculos sociais e culturais, em suas histórias de vida suspensas, em um contexto marcado por uma crescente precariedade.

Neste espaço e tempo de incertezas, de angústias e risco de vida, tecemos este livro para compartilhar estudos e reflexões de um grupo de pesquisadoras e pesquisadores. Não suspeitamos no início do projeto, a presença do vírus SARS-COV2, nem a situação imposta por essa pandemia. Em suma, em momentos difíceis, a força coletiva nos comoveu e hoje podemos entregar este livro com prazer para estudiosos dos temas da juventude. Ressalta-se que os textos fornecidos foram preparados antes dessa situação, mas *ad portas* dela, que apresenta um desafio adicional e é o monitoramento e documentação da Pandemia na vida juvenil e social para uma próxima publicação, a qual esperamos poder responder.

Aproximações aos mundos juvenis. Diálogos ibero-americanos é um esforço de interlocução e circulação de investigações e visões sobre esses mundos e sujeitos juvenis. Trata-se de um trabalho de diálogo das diversas realidades das e dos jovens do Brasil, Colômbia e Portugal, diversidades que ao mesmo tempo se cruzam em um cenário comum de incertezas, precariedades a serem superadas, anseios de alcançar e busca de respostas de políticas públicas por conquistar.

O livro contribui em seus diferentes textos, aproximações empíricas e conceituais de temas diversos e de importância para o devir das e dos jovens. Este texto representa um dos resultados da associação virtuosa de um grupo de pesquisadoras e pesquisadores em juventude dos três países, Brasil, Portugal e Colômbia, hoje entrelaçados em uma rede chamada Rede de Pesquisadores em Juventude. Essa rede foi constituída em 2019 e está sendo coordenada

e animada pela coordenação da Especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJTE) e da Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude. A Rede de Pesquisadores em Juventude vem tecendo ações de cooperação conjunta, de intercâmbio de atividades acadêmicas e ações de fortalecimento do trabalho de cada um dos coletivos que a compõe. Hoje 12 coletivos de pesquisadores em juventude do Brasil, Colômbia, Portugal e Espanha fazem parte dela, em sua maioria observatórios de Juventude de diferentes regiões e vínculos institucionais, são eles: o Observatório da Juventude na Ibero-América da Juventude da Fundação SM da Espanha, o Observatório Javeriano de Juventude da Pontifícia Universidad Javeriana de Bogotá, o Observatório da Juventude da Universidade Nacional da Colômbia, o Observatório Permanente da Juventude do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, o Observatório da Juventude da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, o Observatório Juventudes da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul/Rede Marista, o Observatório das Juventudes da Pontifícia Universidade do Paraná, o Observatório Juventudes na Contemporaneidade (das Universidades Federal e Estadual de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Institutos Federais, Centro de Juventude Cajueiro) e o Grupo de Estudos sobre a Juventude da Universidade Federal de Alfenas; a coordenação do Programa MAGIS Brasil, o Observatório da Juventude da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e o Departamento de Humanidades no Colégio da Aplicação da Universidad do Rio Grande do Sul.

Aproximações aos mundos juvenis. Diálogos ibero-americanos inicia com um conjunto de textos que afetam a capacidade de resposta das e dos jovens e que limitam as estratégias que eles e elas podem colocar em prática em relação aos seus projetos de vida e futuro. Nesse caminho, a professora *Lia Pappamikail* revela e, ao mesmo tempo, questiona as incertezas que marcam essas jornadas de vida e que afetam de maneira crescente o futuro das e dos jovens e com ele, da sociedade onde estão inseridos. Destaca características estruturais de natureza sociocultural que orientam e restringem as lógicas de ação das e dos jovens frente a suas vidas. A autora mostra como a linearidade dos projetos de vida, marcado por pautas sociais e institucionais, não existe na cotidianidade das e dos jovens de hoje. As pessoas jovens contemporâneas não relatam histórias profissionais e sociais, mas múltiplas biografias de inserção e exclusão do mundo do trabalho e com ela os espaços sociais dispersos e diversos em que se movem e interatuam. Consequentemente, as e os jovens devem lidar com esse presente móvel e com um conjunto e incertezas que compõem o cotidiano juvenil que os levam a criar maneiras de enfrentar suas vidas assumindo os riscos, em um contexto nebuloso cheio de incertezas e promessas não cumpridas.

A pergunta dos projetos de vida juvenis permanece como pauta central no texto da professora *Rosane Castilho*, que limita suas análises à entrada das e dos jovens na vida educacional superior e na ativa de trabalho quando é possível combiná-la com o estudo. Esse cenário gera estratégias singulares ou convencionais de ação e integração nesses novos mundos educativos e laborais. A autora apresenta uma análise das expectativas das e dos jovens em relação à sua formação e carreira profissional com dados de universitários brasileiros do Estado de Goiás. A autora mostra como para a maioria dos jovens pesquisados, considerar ou prefigurar um

projeto de vida é um exercício pouco útil, pois o contexto é incerto e isso não permite que eles visualizem um futuro com mecanismos para alcançá-lo. Nessas circunstâncias, elas e eles aproveitam as oportunidades e passam os obstáculos que surgem, dessa forma construindo seu próprio caminho, como especialistas saltimbancos conseguem superar um futuro desconhecido construindo cada dia um presente possível. Nesse quadro de ação vital, a passagem pela universidade é importante e marca suas vidas e suas formas de compreender o mundo.

O livro continua com um conjunto de textos que discutem a educação e os processos educativos baseados em diferentes abordagens e contextos variados entre eles: a saúde mental dos jovens no ensino médio, bem como a inclusão digital e a participação em ambientes escolares.

É assim que *Patrícia Espíndola de Lima Teixeira, Luiz Gustavo Santos Tessaro e Marcelo Bonhemberger* exploram as possibilidades e os limites da ação em saúde mental de jovens escolarizados, discutindo o desenvolvimento dessa temática nos espaços educativos. Para se referir a ela, realizam um trabalho de pesquisa participativa com educadores e orientadores educacionais do ensino médio, além de educadores de jovens e adultos, e agentes pastorais, entre outros, interessados em ingressar nessa experiência. O trabalho coordenado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e sua equipe teve início a partir da leitura conjunta de artigos sobre saúde mental e jovens, que propiciaram um diálogo caloroso e cheio de vivências sobre as realidades que os jovens enfrentam em seu cotidiano, revelando assim múltiplas ansiedades vitais que emergem na escola e no ambiente interrelacional que a escola facilita. Os autores e participantes da pesquisa destacam que o processo dialógico permitiu uma troca produtiva, experiencial e formativo de seus participantes, evidenciando suas conquistas e contribuições, além da iminente necessidade de apoio e trabalho colaborativo e de rede daqueles que enfrentam a educação ou orientação dos jovens em diferentes cenários sociais ou institucionais. O texto oferece uma nova metodologia de trabalho que vale a pena rever e colocar em prática, além de reflexões muito desafiadoras sobre a vida juvenil e suas necessidades emocionais.

No texto seguinte: *Ver, escutar, registrar e agir. Potencialidades da pesquisa como princípio educacional de trabalho com jovens*, seus autores *Symaira Poliana Nonato, Jorddana Rocha de Almeida, Brescia França Nonato, Juares Tarcísio Dayrell e Juliana Batista dos Reis* apresentam uma proposta de trabalho em pesquisa baseada em uma experiência concreta, em que se destaca a importância da pesquisa participativa e seus fundamentos éticos, pedagógicos, educativos e processuais. A experiência básica do texto, desenvolvida pelo Programa do Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais, permite entregar um conjunto de reflexões que marcam as potencialidades de ação, de formação e de interlocução que essa metodologia gera nos envolvidos, como cenário de ação vital e libertadora, as e os jovens são reconhecidos como atores presentes destacando sua diversidade de visões e projeção. Um cenário que questiona e realoca práticas educativas, pedagógicas e de formação para o outro em espaços de formação mútua com os outros. Desta forma, está entrelaçado um trabalho formativo significativo para todos os seus atores e se constrói uma pedagogia das juventudes como as autoras e os autores a nomeiam.

Em continuidade a esse diálogo no vasto campo educativo, *Sandra Maria de Oliveira e José Elias Domingos Costa Marques* apresentam um panorama do desenvolvimento das políticas de inserção de tecnologias digitais nas escolas no Brasil. Nessa perspectiva e a partir da análise que realizam de suas diversas abordagens, realizações e lacunas, evidenciam a perspectiva tecnicista exibida por essas políticas, ao concentrarem em uma ação predominantemente instrumental deixando de lado a integração para a cultura digital, tanto para as e os jovens, quanto para suas famílias e comunidades. O capítulo mostra com clareza as enormes brechas a serem superadas na conectividade, acessibilidade, permanência no uso e integração dos sistemas digitais na realidade de grandes setores da população brasileira, cujo cotidiano é precário em contraste com um mundo que está se modernizando rapidamente e muda a partir do uso intensivo desse mundo digital. Os autores também revelam a desigualdade que o mundo digital vem configurando dentro dos coletivos juvenis, não apenas pelo acesso à internet, mas também pelo tipo de dispositivos ou telas que podem possuir e utilizar, a habilidade de manusear essas ferramentas, entre outros. Monitorar cuidadosamente esse fenômeno e rastrear as mudanças e apropriações da cultura digital pelos setores da juventude em contraste com o desenho e o desenvolvimento de políticas de inserção digital terá que ser uma tarefa para pesquisadores, analistas e formuladores de políticas públicas.

Continuando nossos diálogos, com base em um conjunto de dados que confirmam a significativa confiança depositada pelas e pelos jovens colombianos nas instituições de ensino, acima de outras instituições do país, *Juan Raúl Escobar* defende a hipótese de que as escolas são espaços potentes para a promoção da participação juvenil, da cultura cidadã e da consolidação de uma vivência da cidadania juvenil. Dessa forma o autor complementou os dados obtidos em uma pesquisa nacional de juventude, entrevistou jovens de diferentes cenários do sistema educacional em Bogotá e analisou os ganhos subjetivos e objetivos que esses atores obtiveram. Para isso, explorou questões como a participação da juventude e os obstáculos estruturais que devem ser superados e que tornam invisíveis a participação dos jovens e seu alcance.

No texto em sequência, a fim de compreender a ação coletiva da juventude e, ao mesmo tempo, tornar visível a ação incidente das mulheres jovens no contexto educacional, *Andréa Marques Benetti e Luís Antonio Groppo*, descrevem e discutem a trajetória de quatro coletivos feministas criados durante as ocupações estudantis ocorridas em 2016 no Brasil, que colocaram em evidência as omissões e dívidas do Estado com o ensino médio e a educação das juventudes brasileiras. O texto concentra seu estudo na análise desses quatro coletivos feministas do Estado de Minas Gerais e, a partir de sua proximidade com eles, os autores analisam como a criação de coletivos juvenis dentro das instituições de ensino radicaliza a democracia vivenciada pela ruptura com acordos institucionais marcados por silêncios, pactos não explícitos e uma suposta harmonia.

Os últimos três capítulos discutem a partir de diferentes abordagens e diversas perspectivas metodológicas e narrativas a participação das e dos jovens na construção da paz na Colômbia, destacando a capacidade de agência, de resistência e protagonismo.

Nessa ordem de ideias, o texto de *Fabián Acosta Sánchez* apresenta de forma muito criativa a visita a um conjunto de ações juvenis pela paz, iniciativas promovidas por jovens nas redes sociais, que marcam uma diversidade e, sobretudo, um enorme potencial de ação coletiva, de interação social e de incidência desde suas experiências. Os quadros que se visitam e observam, os momentos de reflexão entre um e o outro e os fechamentos deste texto vislumbram uma força juvenil de ação pela paz e um conjunto de propostas que vem sendo tecidas na interação juvenil e seus espaços sociais.

O texto em seguida, se questiona como ponto de partida pela agência juvenil para a paz, o que fazem, como significa sua ação, o que as e os jovens colombianos que realizam ações conscientes e intencionais para a construção da paz territorial alcançam com ela. A partir desta base, *Martha Lucía Gutiérrez-Bonilla, Mateo Ortiz-Hernández e Natalia Reyes-Fernández* apontam a baixa visibilidade de tais ações, explicando tal obstáculo na perspectiva predominante centrada nos adultos que limita a participação e a ação incidente desses coletivos juvenis de amplo desenvolvimento no país, especialmente em áreas rurais e nas de maior conflito. O texto revela não somente a ação de incidência juvenil orientada para a paz territorial, mas também os significados que atribuem a essa ação e os mecanismos que utilizam para alcançar essa tão esperada paz duradoura nas várias regiões da Colômbia. Deve-se notar que as concepções de paz e construção da paz que este grupo de pessoas jovens exhibe estão associadas a uma paz positiva, imperfeita e em construção.

Finalmente, e não menos importante, um olhar cuidadoso dos atores que são frequentemente esquecidos ou não são vistos na construção da paz, *Natalia Betancourt Andrade* realiza uma análise das ações de paz de jovens migrantes venezuelanos na Colômbia que trabalham em uma paz de baixo, em uma paz do dia a dia, em uma paz cotidiana, em uma paz imperfeita. Recorrendo à voz de jovens venezuelanos que migram para a cidade de Cúcuta, na Colômbia (cidade fronteiriça no nordeste da Colômbia), ela apresenta as *sensações e ações* desses jovens que com frequência viveram o estigma de serem jovens e também migrantes. Jovens que buscam um presente melhor e, portanto, decidem se articular para trabalhar nessa paz cotidiana, proporcionando uma voz amável e positiva, uma convivência pacífica e sem exclusões.

Esperamos que este livro estimule a reflexão sobre as realidades juvenis, forneça evidências sobre tais realidades e aponte caminho para o desenho de respostas mais coerentes às demandas e realidades das juventudes.

Nosso reconhecimento e agradecimento especial a todas as autoras e autores que se somaram a esta publicação. Às instituições que seguem unindo esforços para continuar trabalhando nos mundos da juventude e seus entendimentos. Aos que apoiaram esta publicação pelo seu voto de confiança.

Esperamos que a Rede e este produto acadêmico nos permitam seguir tecendo laços de apoio, solidariedade, trabalho conjunto e ação colaborativa.

Futuro incerto e transição para a vida adulta: as novas gerações diante do projeto de vida

Lia Pappámikail

Introdução

Neste capítulo, inspirado pela conferência proferida num gratificante encontro em Belo Horizonte em julho de 2019, pretende alinhavar-se algumas reflexões sobre juventude e sobre os dilemas e tensões causados pelo(s) futuro(s) incertos. Se incertos eram à época da conferência, mais incertos são hoje à data da publicação.

Com efeito, o primeiro resultado do convite que me foi endereçado pela organização do encontro, foi um processo autorreflexivo sobre o meu próprio percurso de vida. Não por mero efeito de empatia, embora este seja, na minha perspectiva, um exercício necessário ao processo de construção do conhecimento sociológico em geral, e acerca da incerteza face ao futuro em particular, se pretendemos captar os sentidos e significados que estes assuntos têm para os atores que os vivem hoje, mas porque o tema da incerteza me é caro, uma vez que eu simultaneamente vivi e estudei os processos e transições sobre as quais me propuseram refletir, e o meu futuro enquanto jovem fosse, para mim, tão incerto como o dos jovens que hoje nos ocupam o pensamento e reflexão. Senti, pois, necessidade de buscar nesse percurso pessoal os ingredientes de experiência vivida, de investigação produzida, de reflexão sociológica, para cozinhar este contributo, dando conta, na primeira pessoa, do lugar dos conceitos/processos sociais de precariedade e incerteza, entre outros. Esta constitui, assim, a primeira paragem deste capítulo.

Num segundo momento, proponho-me então a enveredar pelo caminho do lugar do futuro nos estudos de juventude, na medida em que este é um debate global do ponto de vista teórico, não obstante as (re)configurações permanentes da relação dos jovens (dentro da sua infinita diversidade) com o futuro, por via daquilo que se convencionou chamar de transições para a vida adulta e que são, veremos, plurais e sensíveis ao contexto, às estruturas de constrangimentos e oportunidades, e às conjunturas económicas e culturais.

Porque é importante conhecer os traços gerais que caracterizam os jovens, elencam-se, num terceiro ponto, algumas principais tendências que marcam a juventude contemporânea

* Professora Adjunta, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém e assessora da direção do Observatório Permanente da Juventude, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Lisboa em Fevereiro.

a nível global, embora a diferentes tempos e ritmos. Por fim, para terminar, dedicamos algumas reflexões ao lugar do futuro e da incerteza na vida dos jovens, procurando contornar o risco de adotar uma perspectiva adultocêntrica e a-histórica, com vista a permitir dar conta dos sentidos atribuídos pelos jovens ao futuro, e também ao presente, onde se constroem percursos de vida e (não) se desenham planos. Este percurso permitir-nos-á sublinhar que a juventude, muitas vezes perspectivada (social e politicamente) como una, representada como se de um grupo social de fronteiras definidas e culturalmente homogêneo se tratasse, não é, como esclareceu Bourdieu (2002 [1980]), mais do que uma palavra.

Notas sobre um percurso de vida e a proximidade com um objeto de estudo, para começar

Muitos foram aqueles que a partir da análise de um percurso individual, muitas vezes notável, o que não é certamente aqui o caso, se propuseram retratar um tempo social, reconstituindo a partir do singular, a experiência coletiva, reconstituindo a trama da vida social (Elias, 1993). Não tenho essa pretensão, obviamente. Contudo, enquanto investigadora que dedicou muito tempo ao estudo dos jovens e que hoje, na qualidade de docente, ocupa o seu tempo a acompanhar jovens, ou para ser rigorosa, indivíduos cujos corpos se reconhecem socialmente como jovens, entendo ser necessária esta partilha para que o leitor mergulhe comigo na problemática a partir de uma experiência individual fortemente entrelaçada com o estudo e a vivência de transições para a vida adulta. Senão, vejamos.

Na posse de um percurso relativamente linear, dado que do ensino médio progredi para o ensino superior, sem pausas nem grandes sacrifícios —o meu “destino social” — previa afinal que com alguma naturalidade reproduzisse a escolaridade dos progenitores, apresentava-me ao Mercado de Trabalho, em busca de oportunidades. Nas minhas expectativas não habitava o que veio a ser, pois jamais a academia esteve no meu horizonte. Porém, terminado o curso, e com uma experiência fugaz no setor privado, fui chamada para trabalhar num projeto de investigação internacional sobre o papel da família nas transições para a vida adulta. A minha primeira experiência de investigação, diga-se de passagem, tinha sido anterior, na condição de estudante, num trabalho sobre jovens, trabalho e futuro, onde se discutia justamente a ideia de pós-linearidade nos percursos juvenis. Na época em que realizei algumas das entrevistas que dela constam era apenas mais uma jovem a enfrentar a vida, vendo hoje que vivia exatamente o que o autor descrevia na obra a que as entrevistas deram origem. (Pais, 2001)

Desde então, muito longe de uma carreira linear, construí meu percurso como um itinerário, por vezes labiríntico, unindo pontos constituídos de oportunidades de trabalho, que agarrei, em que o futuro se perspectivou em parcelas com a duração dos compromissos contratuais, entremeado com períodos, felizmente curtos, de desemprego: 10 meses, 1 ano, 4 anos, etc. Isto até ao momento atual quando, finalmente, tenho a perspectiva de um vínculo laboral mais estável, sem termo fixo. Passaram, no entanto, quase vinte anos. Por isso, compreendo muito bem o sentido da ideia de futuro incerto, de precariedade e a potencial dificuldade em construir projetos de vida ou sequer planos a médio prazo. Compreendo

também a ansiedade que este tipo de vivência gera junto das gerações mais velhas face à aparente impossibilidade de testemunhar o processo de mobilidade ascendente. Compreendo ainda mais a estranheza face a modos de ser e de estar diferentes face à vida e ao futuro e ao lugar que o trabalho, nomeadamente, ocupa na identidade social dos jovens e na vida de cada um.

Como referi, para além de me reconectar com a experiência de vida, para produzir a conferência de que este capítulo dá conta, senti necessidade de visitar alguns dos trabalhos que fui produzindo ou em que colaborei. O primeiro, o livro *Ganchos, Tachos e Biscates* (Pais, 2001), me espantou desde logo pela sua atualidade, demonstrando que muitas vezes sentimos como novos, velhos problemas afinal. Isto é particularmente verdade no que diz respeito aos estudos de juventude, como veremos mais à frente.

Dizia então que, jovem investigadora, ingressei num projeto europeu sobre famílias e transições para a vida adulta na Europa (Pappámikail, 2004, 2005, 2007; Pappámikail & Pais, 2004). Averiguar o papel da família no processo de transição da escola para o mercado de trabalho era o objetivo. Note-se a opção explícita pelo centramento nas transições da escola para o mercado de trabalho, que contorna um problema teórico que ainda se encontra largamente por resolver, uma vez que a noção de transição para a vida adulta é, no mínimo, questionável: o que é isso de ser adulto afinal? (Childress, 2004; Pappámikail, 2013). Entretanto, e no seguimento desta pesquisa, sempre no quadro do Observatório Permanente da Juventude, prossegui estudando jovens, desta feita incidindo sobre o processo de construção da autonomia entre adolescentes, cruzando o olhar dos jovens com o dos seus pais (Pappámikail, 2013). Interessavam-me os processos de reformulação das relações familiares, ante um corpo que cresce e se transforma. Como se tornam as pessoas indivíduos, negociando espaços de liberdade e independência?

Entretanto, colaborei numa outra pesquisa, marcante sob múltiplos pontos de vista, que me trouxe mais especificamente à temática do futuro chamada “O futuro em Aberto: incertezas e riscos nas escolhas escolares” (Vieira, 2015). Esta pesquisa me conduziu à reflexão sobre a relação entre futuro e presente nas vidas juvenis e muitos dos contributos que trago hoje, provêm efetivamente dos questionamentos trabalhados nesta pesquisa coletiva. Mais recentemente, trabalhei numa outra pesquisa que se liga totalmente com o tema deste capítulo. Uma pesquisa sobre jovens que não trabalham, não estudam e não estão envolvidos em formação profissional (Vieira *et al.*, 2017). Jovens que ciclicamente ocupam primeiras páginas de jornais como sendo um sinal problemático do que se passa com “a juventude atual”: quem são e porque são/estão estes jovens aparentemente desconectados, desfilados de qualquer enquadramento institucional?

Por último, e talvez o mais importante, a experiência docente. Desde 2010 leciono no ensino superior, politécnico, onde o contacto com jovens é permanente e uma fonte de enriquecimento pessoal e intelectual. Não desprezando a investigação que se faz com idas cirúrgicas ao terreno, é no convívio diário com os jovens, com as suas experiências, dificuldades, angústias que o saber científico ganha sentido e se despertam novos questionamentos e ações. No quadro dessa função, referir que tive a felicidade de colaborar numa parceria

entre a minha escola e um Instituto Federal, num mestrado no domínio da educação social e intervenção comunitária. Enquanto professora, in loco, e orientadora a distância ajudei a construir várias pesquisas que me trouxeram aquilo que hoje me faltaria para comunicar com um público brasileiro, caso não tivesse tido esta oportunidade, um olhar sobre a realidade brasileira, sobre os debates e as tensões que permeiam as vivências juvenis noutras latitudes, as desigualdades estruturais, as conquistas e os retrocessos, as transformações e as mudanças. Não é seguramente um olhar cabalmente informado, mas não deixa de ser um olhar atento e interessado que me permite estabelecer pontes e contrastes.

Reconstituindo em traços largos este percurso percebi que, sem nunca ter projetado (e sobre projetos de vida mais à frente se falará), o meu percurso me permite, com enorme humildade, elaborar sobre esse tema que nos (pre)ocupa: Futuro incerto e transição para a vida adulta: as novas gerações diante do projeto de vida. Sem mais demoras, então, adentremos no tema.

Quando o futuro coloniza o presente: algumas notas sobre modernidade e progresso

Gostava de começar por algumas notas sobre a trama em que se urdem os meus argumentos. Em primeiro lugar, lembrar que o debate sobre o futuro chegou relativamente tarde aos estudos de juventude, quando comparado com a teoria sociológica em geral, onde a questão do futuro está no âmago da compreensão dos processos de modernização social (Beck, 1992; Beck & Beck-Gernsheim, 2002; Giddens, 1996). A ideia de progresso, assente na razão humana e no controlo da natureza, ou seja, a ideia de que é possível controlar de certa forma o futuro, tornando-o previsível, a partir da ação humana, num tempo em que o valor do indivíduo (homem, branco, naturalmente) se tornava paulatinamente o constituinte base das novas sociedades igualitárias, são ideias chave para a compreensão da formação das sociedades modernas (Wagner, 1994, 2001). Claro que alguns teóricos contemporâneos se encarregaram de refrear o otimismo moderno, introduzindo por exemplo a questão do risco e da prevalência das desigualdades (Beck, 1992). Ainda assim, na paisagem ética das sociedades modernas o futuro se tornou, do ponto de vista das representações sociais, controlável e até previsível, e nos habituamos rapidamente à ilusão de controlo com base no conhecimento e na informação, de que hoje dispomos de forma avassaladora. Um futuro que, no final de contas, passou a colonizar o presente, condicionando opções e projetos de vida dos sujeitos que, virtude da reflexividade social e da sociedade da informação, antecipam supostas previsibilidades (Giddens, 1996). Sabemos hoje, melhor do que nunca, que o futuro, incerto como sempre foi, não se coaduna com esta ingénuo arrogância moderna. Mas deixemos o futuro de parte, por agora.

É um argumento banal aquele que diz que os estudos de juventude, ancorados inicialmente a uma perspectiva muito culturalista, tenderam a produzir durante muito tempo retratos relativamente estáticos, de grupos e culturas juvenis — onde circulavam os jovens, também eles filhos, alunos— objeto de outros olhares subdisciplinares, desenvolvendo percursos e escolhas, decifrando práticas e identidades sociais (Pais, 1990). Delimitaram eficazmente cartografias de grupos (e possibilidades) de se ser jovem. Um olhar dirigido, sobretudo aos

grupos e realidades sobrevisíveis, quer pelo seu exotismo, quer pelo perigo que representavam para a ordem pública, quer, por último, pelo reconhecimento de uma situação de particular vulnerabilidade (Pais, 1996). Entre zonas iluminadas pelo interesse público e científico, e as zonas de sombra, têm andado e andarão os jovens comuns trilhando os seus percursos. Deram-lhes já vários nomes, consoante o ângulo de análise... *missing middle* e *ordinary kids*, são apenas dois exemplos (Roberts, 2011; Woodman, 2013).

Acrescente-se, por outro lado, a ideia de que a juventude não deixa de ser uma categoria social relativamente recente, produto de uma modernidade que chegou a cada vez mais pessoas, grupos e sociedades (Pappámikail, 2011). Não nos esqueçamos jamais que nem todos os jovens, ainda hoje e em muitas geografias, vivem a juventude enquanto tempo de construção de si, etapa socialmente legítima para a preparação da vida adulta, etapa celebrada (e desprezada) a tempos. Uma etapa ou grupo social ambíguo na sua definição que há muito se reconhece estendida no tempo (mais longa do que antes se entendida enquanto experiência social), e cujas modas e modos se transformaram acentuadamente, desafiando padrões e modelos de percurso de vida. Estas transformações alimentaram uma outra linha de estudo, particularmente popular a partir dos anos 90 e que se relaciona com as transições para a vida adulta (Arnett, 1997; Côté, 2002; Evans & Furlong, 2000; Furlong, 1997; Henderson *et al.*, 2007; Stephen & Squires, 2003; Thomson *et al.*, 2002; Wyn & Dwyer, 1999).

Por que é que as transições se tornaram objeto de um interesse tão particular? Porque visivelmente essas transições eram diferentes — talvez ignorando, acrescento eu, que o próprio significado de o que é ser adulto mudou — pode falar-se sequer de estabilidade da vida adulta? (Boutinet, 1998). Diferentes quando comparadas com que transições, é uma outra questão que importa explorar. Com efeito, as tais transições lineares do passado, julgadas perdidas no presente (sendo que há mais de duas décadas que se traça esse diagnóstico), decalcadas de um modelo biográfico muito comum nas classes favorecidas de países desenvolvidos, tinham sido em larga medida a exceção — proporcionada pelos tais trinta gloriosos anos de prosperidade no pós-guerra — e não a regra ao longo do século vinte (Nico, 2016). No entanto, o modelo normativo, de um percurso de vida estandardizado de etapas sucessivas e cumulativas (escola, trabalho, casa, família) foi muito menos abrangente afinal do que se poderia pensar numa análise mais superficial (Goodwin & O'Connor, 2005; Nico, 2016; Vickerstaff, 2003). Ainda assim, foi sendo apropriado enquanto norma social, e acaba por perdurar, apesar da experiência transversal de incerteza e precariedade, nas representações atuais do que é socialmente legítimo e desejável ser vivido numa determinada etapa do percurso de vida, influenciando inevitavelmente a forma como cada um vê o seu trajeto. E como cada trajeto de vida é visto e julgado pelo outro.

Jovens de hoje e de aqui: que tendências?

Temos, portanto, um conjunto de protagonistas que nos ocupam e preocupam: os jovens. E que tendências marcam este grupo, à partida heterogéneo e plural? Penso que ainda com tempos diferentes, podemos encontrar paralelos entre a realidade Portuguesa e Brasileira.

As transformações da juventude na segunda metade do séc. xx, na Europa industrializada, nas últimas décadas do séc. xx em Portugal e, ainda mais recentemente, no Brasil, são marcadas de forma muito vincada por duas grandes tendências. A primeira é o seu decréscimo quantitativo, fazendo dos jovens um bem cada vez mais raro (Vieira *et al.*, 2015). Ao mesmo tempo que se assiste a uma crescente valorização da juventude enquanto categoria social e à “juvenilização” dos valores sociais, sendo a Juventude a altura em que todas as características que hoje tanto se valorizam se encontram (ou se atribuem) nas suas potencialidades máximas, ligadas a éticas mais hedonísticas: Diversão; Aventura; Criatividade; Liberdade (Pais, 1998). A verdade é que o declínio das taxas de natalidade, a par dos avanços da medicina e melhoria das condições de vida dos mais velhos, transformou a sociedade portuguesa, por exemplo, numa das mais envelhecidas da Europa. Ainda longe do mesmo cenário de envelhecimento, o Brasil vivencia tendências similares, com uma quebra muito acentuada no índice sintético de fecundidade, o que resultará sempre num muito menor número de jovens num futuro próximo (Carvalho & Brito, 2005).

A outra tendência, porventura a que mais nos importa, pelo impacto na forma como se entende e se lida com o futuro, é a sua alunização (Vieira *et al.*, 2015). Aluno e jovem passaram a ser quase sinónimos durante parte substancial do percurso inicial de vida, e a escola constituiu-se definitivamente como o espaço institucional por excelência da socialização juvenil (Vieira *et al.*, 2013), constituindo-se progressivamente como o pivô biográfico de referência dos jovens atuais, quase universalmente escolarizados. De facto, 90% dos jovens entre os 15 e os 19 anos eram estudantes a tempo inteiro em Portugal em 2018; já no Brasil os dados reportam ao grupo dos 15 aos 17 e a cifra ascende aos quase 80%, no mesmo ano. Atendendo a como são construídos e democratizados os sistemas educativos modernos, a prova escolar contribui de forma definitiva para a padronização dos percursos de vida e para a incorporação (mais ou menos bem-sucedida) do princípio do diferimento das recompensas (Leccardi, 2005b; Martuccelli, 2006). Também contribui para a estruturação com a imposição de calendários diversos, de entrada e de saída, de escolha e decisão vocacional, e para a introdução de momentos críticos em muitas biografias que não deixam de ser socialmente impostos (basta pensar no acesso ao ensino superior, no processo de escolha vocacional na e através da escola etc.) (Vieira *et al.*, 2016).

Portanto, fala-se em particular da alunização da juventude porque esta se traduz numa força que mobiliza indelevelmente o futuro para o presente na medida em que força o jovem, na condição de aluno, e em diferentes etapas do percurso, a projetar-se no futuro, antecipando um projeto de si sob o qual, para mais, impendem inúmeras incertezas. A investigação mostra como estes processos sociais favorecem uma certa dose de sofrimento psíquico, pois os indivíduos, os jovens, por vezes ainda muito jovens, mais do que convidados, são forçados a dar conta de si, hoje, com um sentido claro de um futuro desejado, sonhado ou planeado, espelhado em escolhas e decisões, ainda que todo o processo, necessariamente hesitante e cheio de dúvidas, seja vivido com uma configuração diversificada de contextos, suportes, recursos e apoios (Pappámikail *et al.*, 2016). Isto para dizer que, não se ignora nesta elencação de tendências de mudança, as fortes dinâmicas de continuidade que atravessam um

progresso que poucos ousam negar: a desigualdade territorial e, sobretudo, a desigualdade social e econômica. Assim, apesar de espaços de liberdade de escolha visivelmente amplificada, apesar da mobilidade social estrutural da população em geral, traduzida em melhorias significativas das condições de vida, e, não menos importante, uma expressiva massificação de camadas mais elevadas do ensino, como o ensino médio e superior no Brasil e Portugal, persistem desigualdades sociais a múltiplos níveis: no acesso e sucesso escolar, nomeadamente, recordando-nos da forma como a escola produz, de forma exemplar, os excluídos de dentro, através das dinâmicas de diferenciação interna que já não opõem tanto quem está e quem não está na escola, quem permanece e quem abandona, mas mais em que escola se está, em que fileira se ingressa, e que curso se segue e onde... por outro lado, não ignorando que persistem fenômenos como o abandono precoce ou evasão (entre tantos outros: Dubet, 2003; Seabra, 2009). Não esqueçamos, assim, que a escola estrutura percursos, mesmo quando o faz pela ausência. Nessa medida, é sem dúvida uma prova marcante em qualquer biografia, independentemente do “sucesso” que nela se obteve, como sustenta Martuccelli (2004, 2006). Retenho aqui a ideia de que como a escola contribui para constituir o indivíduo como um ator que é forçado a lidar com os problemas e dilemas colocados pela vida social, nomeadamente contribuindo através da sua lógica de funcionamento para uma perspectiva linear do percurso de vida, cumulativa orientada para a construção de um projeto de vida futuro, que desaguaria, houvesse sucesso pleno, no ensino superior ou em modalidades escolarizadas de aprendizagem profissional.

O futuro e os jovens: que perspectivas?

Partindo do conjunto de contributos alinhavados até aqui, importa por fim refletir sobre o modo como o debate acerca do futuro chega, em força, aos estudos juvenis. Referia-se acima que esse debate, sobre o futuro, num contexto de modernidade, chamemos-lhe inacabada na medida em que redundava numa sociedade a vários tempos sociais, culturais e econômicos, aparece relativamente tarde nos estudos de juventude, sobretudo na Europa, que de grosso modo assistiu a processos de democratização escolar e elevação dos níveis médios de escolarização das camadas mais jovens na segunda metade do sec. XX e, mesmo, início do sec. XXI, na medida em que o processo de democratização do acesso se deu a vários tempos (Almeida & Vieira, 2006). Adicionalmente, este debate (res)surge na esfera pública, por norma, ancorado a um conjunto de preocupações sociais e políticas relacionadas com transformações no Mercado de Trabalho e com contextos de crise econômica onde, entre outras dinâmicas, como a precarização das relações laborais, o desemprego cresce. Note-se, no entanto, que a precariedade tão presente nos discursos sobre o emprego jovem, não é uma invenção recente, sendo traço característico de tempos e contextos em que o mercado de trabalho era/é pouco qualificado, pouco ou nada regulado e sem acesso a sistemas de proteção social. Este traço constituía efetivamente a regra num passado não tão longínquo assim e ainda prevalece em contextos em que o trabalho informal é comum. Raramente, ainda assim, fazer parte deste

segmento é uma opção dos sujeitos, nomeadamente os jovens, frequentemente enredados em formas atípicas de emprego, instáveis e/ou socialmente pouco protegidas (Oliveira *et al.*, 2011).

Retome-se, para efeitos analíticos, o caso da crise econômica mundial, iniciada em 2008 nos EUA, que chegou em força à Europa um pouco mais tarde, em 2010, tendo o seu pico ocorrido em 2013 em Portugal. Veja-se o caso do Brasil nos últimos anos, também. Dizia-se que existe em regra uma coincidência entre crise social e econômica associada a desemprego elevado, e a sobrevisibilidade pública dos problemas juvenis. Mas porque é que é assim, se as crises afetam todos os grupos sociais e a sociedade como um todo? Não é difícil explicar: porque os jovens são em regra o grupo mais afetado por este flagelo. Mais, a partir de certa altura falamos de toda a sorte de jovem: mesmo aqueles que em crises anteriores, estavam mais protegidos dos problemas no mercado de trabalho, ou seja, os jovens mais qualificados. Aqueles que, cumprindo todas as etapas do desígnio escolar, construído na base do diferimento das recompensas e na promessa de uma inserção profissional ajustada às expectativas de mobilidade social ou de, pelo menos, estabilidade laboral, se veem, pelo menos em parte, perante a perspectiva iminente de ver defraudadas as suas legítimas aspirações sociais e percebendo o seu percurso como desembocando em becos sem saída(s). E é nesta interseção, escola — desemprego, a que se soma um contingente cada vez maior de jovens qualificados, que poderá estar em parte a explicação da enorme visibilidade e importância atribuída a deste problema (Oliveira *et al.*, 2011).

Sempre foi havendo, como se referiu, mais ou menos desemprego e precariedade, mas estes fenómenos começaram a atingir de forma consistente aqueles que, em décadas anteriores, pelo menos na Europa, estavam relativamente mais protegidos destes riscos, em tempos de maior previsibilidade e estabilidade laboral. Longe vai o tempo em que ter um diploma era quase sinónimo de emprego estável e relativamente bem remunerado, o que configura, na perspectiva de alguns autores, um processo de proletarização das Classes Médias (Estanque, 2014).

Repare-se que, durante a mais recente crise econômica, sendo que a atual deverá ir ao mesmo sentido, o desemprego aumentou a níveis inauditos, mesmo tendo em consideração que existem contingentes decrescentes de jovens, por um lado, e de jovens ativos, por outro; pois, como vimos, cada vez são mais os jovens que permanecem estudantes até fases mais tardias no percurso de vida. Conclui-se, portanto, que a norma é que quando o desemprego juvenil cresce muito, os alarmes mediáticos e políticos soam. E o futuro, já há muito incerto nos cotidianos vividos pelos jovens e na pesquisa que sobre eles se faz, entra de novo na equação e no debate público. No caso europeu a razão é clara: o(s) Modelo(s) Social(is) Europeu(s) assenta num conjunto de princípios de bem-estar e proteção social, apoiado num contrato social de solidariedade intergeracional. Tratando-se de sociedades a envelhecer rapidamente, a renovação no mercado de trabalho torna-se essencial para que as contribuições para os sistemas de previdência ou segurança social se mantenham, garantindo a coesão social e a sobrevivência do próprio modelo. Se os jovens não se integram no mercado de trabalho, de forma perene, o risco de ruptura deste modelo a médio prazo é elevadíssimo. Claro que para além destes dilemas macrosociais há preocupações legítimas e genuínas no plano micro da experiência individual, de almejar uma sociedade que crie oportunidades de concretização

dos direitos sociais dos jovens e de desenvolvimento de trajetórias de vida bem-sucedidas, mas o certo é que há um substrato de natureza coletiva nesta preocupação com os jovens e o seu futuro. Na Europa, só para dar mais um exemplo paradigmático, o maior pacote financeiro no plano do emprego da EU, lançado durante o período de crise e que vigora até 2020 foi lançado justamente para combater o desemprego juvenil e o fenómeno dos Jovens que não trabalham, não estudam e não estão envolvidos em formação profissional — *vulgo nem nem* (Vieira *et al.*, 2017). Dizer que, com destaque para os países intervencionados pelo FMI e pelas instâncias europeias, entre os quais esteve Portugal, o desemprego juvenil chegou a atingir quase 30 %, em 2013, na faixa etária dos 15-29, o dobro do verificado na média geral. Antes da atual crise pandémica, já tínhamos voltado aos valores de 2008, de antes da crise econômica.

No entanto, recuperados alguns empregos e reduzidos os valores do desemprego, ou seja, resolvido em parte o problema quantitativo do emprego, quase ninguém fala do problema qualitativo: a qualidade dos vínculos laborais é reduzida, os salários médios medíocres, as possibilidades efetivas de se atingir um bem estar superior comparado ao da geração anterior por meio de mais escolarização e melhores empregos é, em geral, diminuta (Carmo *et al.*, 2014; Carmo & Matias, 2019).

Depois, para além desta questão mais geral, surgem as questões de ordem pragmática: sem salários razoáveis ou empregos minimamente estáveis muitos jovens veem-se arredados, por exemplo, do acesso ao mercado de habitação cada vez mais competitivo adiando, também por esta via, a saída de casa dos pais (Nico, 2016). Temos tentado chamar a atenção para este problema, algo que as políticas públicas de curto prazo, ou seja, que favorecem integrações transitórias no mercado de trabalho (através de estágios financiados pelos Serviços Públicos de Emprego) não resolvem. Esta é a realidade portuguesa, grosso modo e ilustra bem, com rápidas mudanças de rumo, a volatilidade dos contextos e o modo como o futuro se desenha, de facto, incerto.

Portanto, sem surpresa obviamente, os alarmes de que vos falava há pouco também têm ecoado alto no plano científico, especialmente nos tempos de crise, e a da primeira metade da década de 10 do séc. XXI não foi exceção, havendo mais solicitação para explicar e compreender e, não raras vezes, projetar tendências e soluções. A diferença é que, longe do discurso simplista de “nunca se viu nada assim”, o conhecimento produzido, fruto de décadas de trabalho de pesquisa, informa que longe de serem novos, estes problemas são persistentes, diria mesmo estruturantes da condição juvenil contemporânea, mesmo considerando a sua heterogeneidade. Senão, vejamos.

Começo, a título de exemplo, por retomar o trabalho de Machado Pais, datado de 2001, sobre precariedade, Ganchos, tachos e Biscates, embora haja muitos outros autores que elaboraram sistematicamente sobre o tema e suas variações. Neste trabalho, com quase duas décadas, mas extremamente atual, é possível constatar como já há muito se chamava a atenção para o modo como as transformações estruturais no mundo do trabalho em geral, hoje ainda mais aceleradas com a velocidade imposta pela digitalização e robotização, e o modo como estas transformações afetam a sociedade transversalmente, se refletem nos percursos juvenis e no modo como estes se ajustam às oportunidades, ou falta delas, com que se deparam. Se

é verdade que são os jovens que, à partida, melhor habilitados estão para aderir e incorporar estas transformações em novas formas de trabalho e de vida, também é verdade que é junto destes que as mudanças no mundo de trabalho mais se fazem sentir: precarização das relações contratuais, transitoriedade e intermitência laboral, desemprego e subemprego, trabalho a tempo parcial involuntário, etc. (Carmo & Matias, 2019; Oliveira *et al.*, 2011). O certo é que estes problemas condicionavam então e condicionam hoje mais ainda as transições juvenis, como dizia há pouco. Já sabemos: as transições juvenis mudaram de forma e conteúdo, passa-se muito mais tempo na escola, as passagens estatutárias dessincronizam-se, adiam-se, reversibilizam-se. Quem não se recorda das famosas trajetórias *yôyô*, celebrizadas justamente por Machado Pais (1996b)?

Portanto, se é verdade que há razões culturais que sustentam estas alterações, o facto é que, como justamente argumenta Nico (2014), os fatores estruturais são muito mais importantes. Há, é um facto, mudanças nos padrões culturais e éticos nas gerações mais jovens, apesar da imensa diversidade interna, caracterizadas abundantemente na literatura: adoção de éticas mais hedonistas e menos institucionais, maior ancoragem ao presente e à vivência da condição juvenil, materializada através do lazer, do consumo, da construção de um eu singular e autêntico, há mais democratização das relações familiares, adesão às normas mais expressivas do individualismo moderno tendo a realização de si como meta de vida, ao mesmo tempo que se revelam mais flexíveis, tolerantes e adeptos de causas globais como os Direitos Humanos e o meio ambiente, etc. (Ferreira *et al.*, 2017). Mas o facto é que a difusão generalizada desses padrões culturais não é acompanhada pela democratização dos recursos para os concretizar plenamente.

E nenhuma pesquisa demonstra que os jovens, por mais cosmopolitas que sejam, não almejam estabilidade, ou não “sonham” o sonho de vir a ter uma casa, um emprego onde se sintam realizados, uma família (ainda que esta possa assumir múltiplas formas) e que vêm na precariedade um modo de vida desejável. O que as pesquisas demonstram é que a maioria dos jovens, sobretudo os mais jovens e aqueles que ainda não enfrentam os dilemas relacionados com condições objetivas que permitam a concretização de projetos de parentalidade (quantos adiamentos não se transformam em ausência de filhos por razão de falta de condições?), por exemplo, tende a não sacrificar a realização de si por um salário mais elevado ou pela estabilidade e qualidade laboral em si mesmo, valorizando mais a primeira do que as restantes. A verdade é que valorizam todas estas dimensões, e desejam-nas (ou sonham-nas) no seu futuro (Henderson *et al.*, 2007; Khattab & Fenton, 2009; Knudson & Mazurik, 2020; McDonald *et al.*, 2011).

Em suma, condena-se frequentemente os jovens por protelarem a vida adulta (e há muitos a fazê-lo quer no espaço público quer no privado), como se fosse um resultado de uma inexplicável e repreensível preguiça dos jovens de hoje, não se reconhecendo socialmente a adultícia —autonomia e independência— de quem não percorreu as etapas legítimas da transição tradicional: estudos, emprego, saída de casa dos pais, conjugalidade, filhos, idealmente por essa ordem, atribuindo à juventude de hoje a marca de um declínio ético e moral — irresponsável e irreverente (Pappámikail, 2005, 2007, 2010). É jargão nos estudos de juventude lembrar que

é comum temer-se pelos jovens, ante as incertezas do futuro, e temer-se os próprios jovens, pelos riscos resultantes dos seus modos de ser e de estar para a ordem social.

Mas o ponto onde queria chegar, efetivamente, é que as dimensões culturais, importantes seguramente, e que dão forma à condição juvenil contemporânea, não ultrapassam de modo nenhum as condições estruturais (Nico, 2014, 2016). E por muito que se advogue, e hoje em dia o discurso neoliberal é muito comum e é apropriado frequentemente pelos próprios jovens (Cabasés Piqué *et al.*, 2016; Salgado, 2013; Serrano & Martín, 2017), de que os problemas da juventude podiam ser ultrapassados se os jovens tivessem mais iniciativa, se buscassem mais qualificações ainda, se fossem originais, criativos e engenhosos e empreendessem e assim criassem emprego, se se destacassem dos demais por suas qualidades e experiências, etc., esbarra num facto simples: é que se o número de empregos disponíveis for muito inferior ao número de pessoas que buscam emprego, jovens e menos jovens, não há percurso exemplar, singular ou pejado de diplomas, jovem cheio de qualidades e virtudes que ultrapasse o problema matemático do desemprego.

Portanto, voltando ao paradoxo gerado pela alunização da juventude e das expectativas geradas nesse modo de socialização orientado para o diferimento da recompensa, não há como o futuro não se revelar incerto, se não mesmo angustiante, especialmente em contexto de crise econômica e social. Não há como o futuro, que inevitavelmente coloniza o presente, moldando-o, como dizia Giddens (1994), especialmente porque nos constituímos numa sociedade reflexiva, que antecipa riscos e age em função deles, não constituir algo com que os jovens têm de lidar. E como lidam os indivíduos jovens com um futuro incerto? Que pistas nos traz a investigação recente? Como compreender as vidas vividas, dos jovens à nossa volta, no quadro das (re)configurações culturais, sociais e econômicas que experimentamos quotidianamente, neste tempo acelerado e inconstante?

Dan Woodman (2011), sociólogo australiano, identifica duas grandes tendências no modo como o futuro surge nos estudos de juventude mais recentes. Na sua perspectiva alguns autores tendem a argumentar preferencialmente que à face da incerteza os jovens tendem sobretudo a planear mais o seu futuro, mitigando os sentimentos de ansiedade face ao futuro, adoptando uma lógica de ação que, no presente, antecipa possibilidades e riscos, permitindo compor soluções hipotéticas com vista a preparar esse futuro, apesar de incerto. Outros sustentam que os jovens, face ao futuro incerto, se refugiam no presente estendendo-o e desinvestindo do futuro percebido como uma realidade distante, tornando-se numa espécie de nómadas do presente tal como definidos por Melucci (1989), que constroem o seu percurso de vida «navegando à vista», rejeitando o futuro na forma de planos a longo prazo, como sustenta Carmen Leccardi (2005a, 2005b, 2014).

Sabemos que a realidade não se coaduna com lógicas binárias, disjuntivas. O que a empiria tem demonstrado, e pude comprová-lo nas minhas pesquisas e naquelas em que participei, é que os jovens lidam com o futuro de diversas formas, no limite cada um de sua forma, e o mesmo jovem de formas diferentes em diferentes momentos, desenhando a sua ação de forma compósita, não raras vezes alternando entre maior investimento no presente, aproveitando as oportunidades de vivência que a condição juvenil lhe traz e maior foco no

futuro, nomeadamente em momentos em que se vê forçado, pela escola, pelo mundo do trabalho, pelos contextos familiares, sociais e políticos, a posicionar-se, a escolher, tomar decisões ou agir, de forma mais ou menos pragmática e convicta. Não quer isto dizer que as leituras sociológicas, os mapeamentos e retratos dos jovens não fornecem coordenadas à compreensão da experiência juvenil, pelo contrário. “Ser-se jovem” será também uma prova (porque socialmente organizada) que se impõe aos sujeitos contemporâneos, onde com diferentes recursos, apoios e suportes, por um lado, e diferentes estruturas de oportunidades, por outro, desenrolam as suas trajetórias de vida (Martuccelli, 2006).

Breves notas finais, para terminar

Para concluir, enfim, o périplo por alguns contributos de pesquisas e autores das páginas precedentes, fixe-se a ideia de que existe uma dissonância entre os enquadramentos institucionais, organizados de acordo com uma lógica moderna de linearidade regulada pelo princípio do diferimento da recompensa, de que os sujeitos se apropriam e que os força a planearem-se e projetarem-se no futuro, e os contextos labirínticos, incertos e de acelerada mudança, onde os jovens desenrolam as suas trajetórias.

Para navegar neste “mar”, os jovens tendem a adoptar lógicas para lidar com a incerteza, a que é real e palpável no quotidiano, ou a que é projetada num futuro desconhecido, deixando, sempre que possível, o futuro em aberto. Trata-se de uma postura defensiva, que lhes permite (re)configurar a cada momento a narrativa com que vão urdindo a sua biografia (que pretendem singular), caso o futuro se torne um presente incoerente com aquilo que são ou querem ser.

Não é por acaso que constatámos, por exemplo, que as escolhas escolares traduzem muitas vezes esse desejo, o de diferir para um futuro mais ou menos próximo (o ensino superior, por exemplo) as escolhas vocacionais mais restritas e definitivas que obrigam a um compromisso maior e a diminuição dos futuros possíveis (Vieira *et al.*, 2013). Assim, apesar de sabermos que as condições sociais de partida são desiguais, os jovens, normativamente comprometidos com a realização de si, quando confrontados com uma oportunidade em que se reveem, tendem a arriscar, mesmo assumindo riscos de insucesso. Não deixa de ser uma forma de enfrentar o futuro, sabendo ou acreditando que é sempre possível reverter um caminho construindo outro (afinal, com exceção da parentalidade, todas as transições são reversíveis teoricamente... uma relação conjugal, uma escolha profissional, uma área vocacional). Podem sempre desenhar planos alternativos, para o caso de se confrontarem com o fracasso ou as expectativas não se concretizarem, ou podem ir construindo o percurso passo a passo, navegando à vista, conforme argumentava Lecardi (2005a, 2005b).

Embrulharão estas lógicas de ação sempre, acrescento ainda, com mais ou menos definição e precisão, com os futuros imaginados e sonhados, sempre mutáveis e ajustáveis ao ritmo das concretizações e desilusões. Como diz o poeta António Gedeão, “eles não sabem nem sonham, que o sonho comanda a vida”. Concordo, pois, com Dan Woodman (2011) quando ele argumenta que não havendo ou sendo possível reconhecer a existência de projetos de vida

entre os jovens, ou sequer a formulação de meros planos circunstanciais, o futuro não deixa em circunstância alguma de ser imaginado e de ser sonhado.

Referências

- Almeida, A. N., & Vieira, M. M. (2006). A escola em Portugal. *Imprensa de Ciências Sociais*.
- Arnett, J. J. (1997). Young people's conceptions of the transition to adulthood. *Youth & Society*, 29(1), 3-23.
- Beck, U. (1992). Risk society. In *Theory, Culture and Society*. Sage Publications.
- Beck, U., & Beck-Gernsheim, E. (2002). Individualization. *Sage*.
- Boutinet, J.-P. (1998). L'imaturité de la vie adulte. *Puf*.
- Cabasés Piqué, M. À., Pardell Veà, A., & Strecker, T. (2016). The EU youth guarantee — a critical analysis of its implementation in Spain. *Journal of Youth Studies*, 19(5), 684-704. <https://doi.org/10.1080/13676261.2015.1098777>
- Carmo, R. M., Cantante, F., & Almeida A. N. (2014). Time projections: Youth and precarious employment. *Time & Society*, 23(3), 337-357. <https://doi.org/10.1177/0961463X14549505>
- Carmo, R. M., & Matias, A. R. (2019). As dimensões existenciais da precariedade: jovens trabalhadores e os seus modos de vida. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 118, 53-78. <https://doi.org/10.4000/rccs.8502>
- Carvalho, J. A. M. de, & Brito, F. (2005). A demografia brasileira e o declínio da fecundidade no Brasil: contribuições, equívocos e silêncios. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 22(2), 351-369. <https://doi.org/10.1590/s0102-30982005000200011>
- Childress, H. (2004). Teenagers, territory and the appropriation of space. *Childhood*, 11(2), 195-205.
- Côté, J. E. (2002). The role of identity capital in the transition to adulthood: The individualization thesis examined. *Journal of Youth Studies*, 5(2), 117-134.
- Dubet, F. (2003). A escola e a exclusão. *Cadernos de Pesquisa*, 119(119), 29-45. <https://doi.org/10.1590/s0100-15742003000200002>
- Elias, N. (1993). Mozart. Sociologia de um génio. *Edições Asa*.
- Estanque, E. (2014). Rebeliões de classe média? Precariedade e movimentos sociais em Portugal e no Brasil (2011-2013). *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 103, 53-80. <https://doi.org/10.4000/rccs.5540>
- Evans, K., & Furlong, A. (2000). Niches, transitions, trajectoires. De quelques théories et représentations des passages de la jeunesse. *Lien social et politiques*, 43, 41-48.
- Ferreira, V. S., Lobo, M. C., Rowland, J., & Sanches, E. R. (2017). Geração Milénio? Um retrato social e político. *Imprensa de Ciências Sociais*. <https://www.ics.ulisboa.pt/livros/geracao-milenio>
- Furlong, A. (1997). Young people and social change. *Open University Press*.
- Giddens, A. (1994). Modernidade e identidade pessoal. *Celta*.
- Giddens, A. (1996). As consequências da modernidade. *Celta*.

- Goodwin, J., & O'Connor, H. (2005). Exploring complex transitions: Looking back at the “Golden Age” of from school to work. *Sociology*, 39(2), 201–220. <https://doi.org/10.1177/0038038505050535>
- Henderson, S, Holland, J., McGrellis, S., & Thomson, R. (2007). *Inventing adulthoods: a biographical approach to youth transitions*.
- Henderson, S., Hollway, W., McGrellis, S., Sharp, S., & Thomson, R. (2007). Inventing adulthoods. A biographical approach to youth transitions. *Sage*.
- Khattab, N., & Fenton, S. (2009). What makes young adults happy? Employment and non-work as determinants of life satisfaction. *Sociology*, 43(1), 11–26. <https://doi.org/10.1177/0038038508090905>
- Knudson, S., & Mazurik, K. (2020). Seeking stability: a preliminary exploration of Canadian young adults’ financial goals. *Journal of Youth Studies*. <https://doi.org/10.1080/13676261.2020.1716964>
- Leccardi, C. (2005a). Facing uncertainty: temporality and biographies in the new century. *Young*, 13(2), 123–146. <https://doi.org/10.1177/1103308805051317>
- Leccardi, C. (2005b). Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social*, 17(2), 35–57. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200003>
- Leccardi, C. (2014). Young people and the new semantics of the future. *Società Mutamento Politica*, 5(10), 41–54. <https://doi.org/10.13128/smp-15404>
- Martuccelli, D. (2004). Pour une sociologie de l’individuation (Caradec, V. & Martuccelli, D., Eds.; pp. 295–316). *Presses universitaires du Septentrion*.
- Martuccelli, D. (2006). Forgé par l’Épreuve. *Armand Collin*.
- McDonald, P., Pini, B., Bailey, J., & Price, R. (2011). Young people’s aspirations for education, work, family and leisure. *Work, Employment and Society*, 25(1), 68–84. <https://doi.org/10.1177/0950017010389242>
- Melucci, A. (1989). Nomads of the present: Social movements and individual needs in contemporary ... - Alberto Melucci - Google Livros. *Temple University Press*.
- Nico, M. (2014). Beyond “biographical” and “cultural illusions” in European youth studies: Temporality and critical youth studies. In *A Critical Youth Studies for the 21st Century* (Vol. 2, pp. 53–69). Brill. https://doi.org/10.1163/9789004284036_006
- Nico, M. (2016). Ritmos classistas e geracionais da mudança social. Discussão sociológica a propósito da saída de casa dos pais na Europa. *Revista de Cultura Política, Dossiê*, 29–52. <http://www.seer.ufu.br/index.php/criticassociedade/article/view/34914/18466>
- Oliveira, L., Carvalho, H., & Veloso, L. (2011). Formas atípicas de emprego juvenil na União Europeia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 66, 27–48.
- Pais, J. M. (1990). A construção sociológica da juventude - alguns contributos. *Análise Social*, XXV(105–106), 139–165.
- Pais, J. M. (1996a). A geração Yô-yô. *ICS e Fundação Gulbenkian*.
- Pais, J. M. (1996b). Culturas Juvenis. In *Análise Social*. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pais, J. M. (1998). *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Instituto de Ciências Sociais e Secretaria de Estado da Juventude.

- Pais, J. M. (2001). Ganchos, tachos e biscates. *Âmbar*.
- Pappámikail, L. (2004). Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46, 91–116.
- Pappámikail, L. (2005). Sentidos de la edad adulta: juventud y cambio social en el Portugal contemporáneo. *INJUVE*, 71, 41–53. <http://www.injuve.mtas.es/injuve/contenidos.downloadatt.action?id=1445102598>
- Pappámikail, L. (2007). *Emancipació, autonomia i joventut als països del sud: claus per a un debat* (Oficina del Pla Jove, Ed.). Diputació de Barcelona.
- Pappámikail, L. (2010). Juventude(s), autonomia e sociologia : questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. *Revista Da Faculdade de Letras: Sociologia*, 20(1), 395–410.
- Pappámikail, L. (2011). Juventude entre a fase da vida e tempo de viver. In A. N. Almeida (Ed.), *História da Vida Privada — Os Nossos Dias* (pp. 208–241). Temas & Debates.
- Pappámikail, L. (2013). *Adolescência e Autonomia: negociações familiares e construção de si*. Imprensa de Ciências Sociais. www.ics.ul.pt/imprensa
- Pappámikail, L., & Pais, J. M. (2004). *Families and Transitions in Europe, WP3 and WP4 — National Report Portugal*. Instituto de Ciências Sociais. <http://www.socsci.ulst.ac.uk/policy/fate/fatepublications.html>
- Pappámikail, L., Vieira, M. M., & Nunes, C. (2016). À procura de rumo. Incertezas e riscos. *O Futuro Em Aberto*, 227–251. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/23099?locale=en>
- Roberts, S. (2011). Beyond “neet” and “tidy” pathways: Considering the “missing middle” of youth transition studies. *Journal of Youth Studies*, 14(1), 21–39. <https://doi.org/10.1080/13676261.2010.489604>
- Salgado, J. (2013). A cultura empreendedora nos discursos sobre a juventude. *Galáxia (São Paulo)*, 13(25), 193–204. <https://doi.org/10.1590/s1982-2532013000200015>
- Seabra, T. (2009). Desigualdades escolares e desigualdades sociais. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 59(1997), 75–106.
- Serrano P. A., & Martín M. P. (2017). From ‘Employability’ to ‘Entrepreneuriality’ in Spain: youth in the spotlight in times of crisis. *Journal of Youth Studies*, 20(7), 798–821. <https://doi.org/10.1080/13676261.2016.1273513>
- Stephen, D. E., & Squires, P. (2003). Adults don’t realize how sheltered they are’. A contribution to the debate on youth transitions from some voices on the margins. *Journal of Youth Studies*, 6(2), 145–164.
- Thomson, R., Holland, J., Henderson, S., McGrellis, S., & Sharpe, S. (2002). Critical Moments: Choice, Chance and Opportunity in Young People’s Narratives of Transition. *Sociology*, 36(2), 335–354.
- Vickerstaff, S. A. (2003). Apprenticeship in the ‘Golden Age’: Were Youth Transitions Really Smooth and Unproblematic Back Then? *Work, Employment and Society*, 17(2), 269–287. <https://doi.org/10.1177/0950017003017002003>
- Vieira, M. M. (2015). *O Futuro em Aberto*. Imprensa de Ciências Sociais.

- Vieira, M. M., Ferreira, T., & Pappámikail, L. (2017). *Jovens NEEF: mudanças e continuidades no pós-crise*. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/32411>
- Vieira, M. M., Ferreira, V. S., & Rowland, J. (2015). Retrato da juventude em Portugal: traços e tendências nos censos de 2001 e 2011. *Revista de Estudos Demográficos*, 54, 5–25. www.ine.pt
- Vieira, M. M., Melo, M. B. P. e, Pappámikail, L., Vieira, M. M., Melo, M. B. P. e, & Pappámikail, L. (2016). Da fabricação das escolhas escolares aos recursos informativos de suporte: o discurso adolescente em análise. *Educação e Pesquisa*, 42(4), 1015–1029. <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201605142200>
- Vieira, M. M., Pappámikail, L., & Resende, J. (2013). Forced to Deal with the Future: Uncertainty and Risk in Vocational Choices among Portuguese Secondary School Students. *The Sociological Review*, 61(4), 745–768. <https://doi.org/10.1111/1467-954X.12083>
- Vieira, M.M., Pappámikail, L., & Resende, J. (2013). Forced to deal with the future: Uncertainty and risk in vocational choices among Portuguese secondary school students. *Sociological Review*, 61(4). <https://doi.org/10.1111/1467-954X.12083>
- Wagner, P. (1994). *A sociology of modernity: Liberty and Discipline* (2a). Routledge.
- Wagner, P. (2001). *Theorizing modernity: inescapability and attainability in social theory*. Sage.
- Woodman, D. (2011). Young People and the future: Multiple Temporal Orientations Shaped in Interaction with Significant Others. *Young*, 19(2), 111–128. <https://doi.org/10.1177/1103308811001900201>
- Woodman, D. (2013). Researching ‘Ordinary’ Young People in a Changing World: The Sociology of Generations and the ‘Missing Middle’ in Youth Research. *Sociological Research Online*, 18(1), 179–190. <https://doi.org/10.5153/sro.2868>
- Wyn, J., & Dwyer, P. (1999). New directions in research on youth in transition. *Journal of Youth Studies*, 2(1), 5–21.